

Sola Scriptura e Cosmologia: O Cosmos segundo a Bíblia

Carlos Flávio Teixeira¹
Luciano Geraldo Mateus da Silva²

Resumo: Não é simples, muito menos fácil explicar o mundo e sua origem. Não é por acaso que existem muitos métodos para tentar se entender o mundo. A Bíblia fornece uma alternativa e, apesar de ser parecida com alguns relatos antigos da origem do cosmos, ela é singular ao apresentar a realidade da criação, principalmente na relação Deus-homem. Ao longo do tempo, a concepção bíblica foi alterada por vários intérpretes, misturando-se mitos, cultura e filosofia com o relato bíblico. Grandes mudanças na concepção bíblica de mundo são percebidas na Igreja Cristã, principalmente na relação dela com a filosofia grega. Estas concepções influenciaram muito no pensamento cristão. Contudo, uma concepção bíblica, extraída unicamente das escrituras é o objetivo da Igreja Adventista do Sétimo Dia ao tentar entender o mundo e sua origem.

Palavras-chave: Bíblia, Filosofia, Cosmos.

Abstract: It's not simple, much less easy explains the world and its origin. It's not coincidence there are many methods trying to give a understanding of the world. The Bible provides an option, and nevertheless the likeness with some ancient accounts of cosmos origin it is singular when presents the reality of creation, principally in relation between God and man. Over time, bíblica concepts was being changed trough some interpreters, combining miths, culture and philosophy with biblical account. Great changes in biblical concepts of the world are perceived in Christian Church, mainly in its relation with greek philosophy. These conceptions has influenced Christian thought, however, a biblical concept, taken only from the bible is the goal of Seventh-Day Adventist Church trying to comprehend the world and its origin.

Keywords: Bible, Philosophy, Cosmos.

¹ Pós-Doutorando em Teologia Bíblico-Sistemática na Andrews University (EUA), Pós-Doutor em Teologia Bíblico-Sistemática pela Escola Superior de Teologia (EST). Doutor em Ciências da Religião, na especialidade de Teologia Sistemática (UMESP). Mestre em Teologia Pastoral (UNASP) e Direito Constitucional (UNIMEP). Especialista em Docência Para o Ensino Superior (UNISUL). Graduado em Teologia (UNASP) e Direito (UNITRI). Membro da Adventist Theological Society. Docente nos cursos de graduação e pós-graduação do UNASP Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, e na Faculdade Adventista de Teologia do mesmo Campus.

² Graduando em Teologia na Universidade Adventista de São Paulo (UNASP-EC).

1 Cosmologia à luz da Bíblia

Desde muito cedo na história humana, questões sobre como o universo e o nosso mundo surgiram tem sido levantadas. As civilizações antigas se apoiavam em mitos religiosos para trazer luz sobre a origem, não só do Mundo, mas também a própria origem das civilizações. A filosofia e mitologia eram os recursos mais comuns utilizados entre as civilizações antigas na tentativa de voltar ao passado e descobrir a origem do mundo. Estes dois modos de interpretar o universo permaneceram como os principais métodos até o surgimento do paradigma científico. De maneira mais específica, a descoberta da teoria da relatividade em 1917, por Albert Eiensten, foi fundamental para o desenvolvimento do estudo sobre a origem do mundo no âmbito da ciência. Com essa descoberta, Eiensten proporcionou o início de uma nova disciplina científica: a cosmologia científica³. Neste modelo científico de interpretação, o cosmos é estudado de forma físico-matemática. Para Sagan, “nossos ancestrais ansiavam compreender o mundo, mas não conseguiram encontrar um método”⁴.

Cosmos é uma palavra grega que significa universo. Em certo aspecto é o oposto do caos. Implica em uma interconexão profunda entre todas as coisas⁵. Segundo Santos, existe uma interconexão entre a origem e o fim: “Cosmologia é a ciência filosófica que estuda a origem, determinação, significação e destino do mundo”⁶. Porém, mais do que apenas uma ferramenta de estudos, a “Cosmologia é uma visão de mundo, uma filosofia de vida e de significado, e prepara a moldura ontológica básica, na qual, são orientadas todas as interpretações e decisões das pessoas”⁷.

A cosmologia relaciona-se diretamente com: filosofia, cosmovisão e ética. A cosmologia aponta para a realidade e leva a uma maneira de enxergar as coisas, leva a uma cosmovisão. Para Sire, cosmovisão atua no ser humano mais do que em nível de pensamento, mas também, e especialmente no comportamento, naquilo que fazemos e

³ SUSIN, Luiz Carlos; SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Mysterium creationis: um olhar interdisciplinar sobre o universo*. 1. ed. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1999, p. 60-61.

⁴ SAGAN, Carl. *Cosmos*. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves Editora, 1984, p. 12.

⁵ Idem.

⁶ SANTOS, Mário Ferreira dos. *Ontologia e cosmologia: a ciência do ser e a ciência do cosmos*. 1 ed. São Paulo, SP: Logos , 1954, p. 225.

⁷ MORRIS, Henry Madison. *Biblical cosmology and modern science*. 1. ed. New Jersey: Craig , 1970, p. 15.

falamos⁸. Sire define cosmovisão como sendo um conjunto de pressuposições ou uma história que detemos e com a qual o coração se orienta e se compromete, formando a constituição básica da realidade na qual vivemos⁹. A cosmologia propõe pressupostos sobre a origem do mundo, o que afeta diretamente a cosmovisão de cada indivíduo. Isto também é percebido na teologia. Para Canale, “cosmologia não é uma questão à parte, mas uma das poucas no campo das teorias de alto nível que condicionam a compreensão de todos os ensinamentos bíblicos, incluindo redenção e escatologia”¹⁰. Assim, cosmologia e cosmovisão estão intimamente relacionadas, interagem entre si, formando uma lente por meio da qual enxergamos as coisas.

A Bíblia começa com um relato cosmológico, que retrata a origem do mundo através de um Deus que criou todas as coisas. Várias religiões no Antigo Oriente Próximo tinham em suas obras um relato da origem do mundo parecidos com o que vemos na Bíblia, por exemplo, o que vemos na religião Babilônica (ver os paralelos na nota de rodapé)¹¹. Algo que se percebe ao estudar um pouco sobre as religiões antigas é que a compreensão do cosmos estava intimamente ligada ao sobrenatural. Conforme já observado,

O cosmos, no sentido de uma ordem compreensiva e onipresente, era algo inquestionável no antigo Oriente Próximo: o céu e a terra, a natureza e a sociedade, tudo havia sido criado e ordenado pelos deuses e continuava sob a supervisão deles. Não que o cosmos fosse tranquilo. Havia forças caóticas, incansáveis e ameaçadoras. E aqui também atuavam os deuses¹².

⁸ LUCAS, Douglas; CARVALHO, B. J.; SIRE, James W. O Universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão. Tradução de José Fernando Cristófaló; Revisão de Regina Aranha. 4. ed. São Paulo, SP: Hagnos, 2009, p. 19.

⁹ Ibidem, p. 16.

¹⁰ CANALE, Fernando Luis. Basic elements of christian theology: scripture replacing tradition. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2005, p. 214.

¹¹ Existem algumas similaridades entre o mito babilônico e o relato bíblico. Alguns teólogos têm apresentado vários paralelismos entre eles. Por exemplo, na criação dos astros. É enfatizado no mito babilônico a importância dos astros em estabelecer as estações, assim como no relato bíblico. Outro paralelo é na ação de Marduk (deus Babilônico) e Yahweh (Deus bíblico) que atribuírem adjetivos que qualificam os dias da criação. Para ver mais paralelos, consulte o primeiro capítulo de ANDERSON, Bernhard W. et al. Creation in the Old Testament. 1. ed. Philadelphia: Fortress Press, 1984, p. 25-52.

¹² COHN, Norman. Cosmos, caos e o mundo que virá: as origens das crenças no apocalipse. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996. p. 15.

A visão de mundo que a religião oferecia tinha uma extrema importância para a sociedade. Segundo Brockelman: “Longe de ser meras histórias pitorescas para crianças, esses mitos da criação fundam culturas humanas e práticas religiosas, e vinculam culturas particulares ao sagrado que elas propiciam narrativamente”¹³.

A Bíblia começa com uma descrição cosmológica, um relato sobre a origem do mundo conhecida como a Criação. Sarna orienta que a criação, ou cosmologia, que abre o livro de Gênesis é diferente de todos os relatos sobre a origem do mundo na cultura religiosa e mitológica do mundo antigo¹⁴. A maneira como a Bíblia apresenta o mundo é singular, não por haver uma divindade criadora, pois isto era muito comum na cultura do antigo oriente médio, mas sim pela sequência dos acontecimentos, principalmente pelo profundo significado e relação entre quem cria e quem é criado.

O tema principal deste relato cosmológico descrito nos primeiros capítulos de Gênesis é “a ideia fundamental na qual se baseia o restante das Escrituras: um só Deus é o Criador”¹⁵. O que acontece a seguir, no decorrer da história da humanidade está ligado à origem do cosmos. Deus age na história demonstrando o mesmo poder capaz de criar as coisas a partir do nada. Para Sarna, o tema da Criação que abre o livro de Gênesis é importante, pois serve “como uma introdução ao motivo central do livro: o papel de Deus na história”¹⁶. A perspectiva de um futuro (restaurar e recriar), verificada em vários livros da Bíblia, também está relacionada com o poder de criação. Sem acreditar no que Deus foi capaz de fazer, a fé de que Ele fará algo se torna debilitada. Portanto, considerando a importância da atuação de Deus na história, dentro da perspectiva bíblica cosmológica, o estudo seguirá a lógica: passado (criação), presente (criação/redenção) e futuro (redenção/recriação).

1.2 Passado - Gn 1:1/2:4: “criou Deus”

“No Princípio criou Deus o céu e a terra” (Gn 1:1). É assim que o passado é apresentado. Céu e terra marcam o início do relato criativo. É importante analisar algumas particularidades deste verso para se ter uma compreensão ampla do significado real dele. Por exemplo, a palavra hebraica *bara'* é traduzida geralmente como “criou”.

¹³ BROCKELMAN, Paul. Cosmologia e criação: a importância espiritual da cosmologia contemporânea. 1. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1999, p. 29.

¹⁴ SARNA, Nahum M. The JPS torah commentary Genesis: The Traditional Hebrew Text with the New JPS Translation. 1. ed. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989, p. 3.

¹⁵ HOUSE, Paul R. Teologia do antigo testamento. São Paulo, SP: Vida Acadêmica, 2009, p. 74.

¹⁶ SARNA, op. cit. p. xiv.

Esta palavra “é usada apenas na criação de Deus deve ser essencialmente distinta da criação humana. A distinção final seria criação *ex nihilo*, a qual não teria paralelo humano e está, assim, completamente além de toda compreensão humana”¹⁷. A ação inicial de Deus relatada na Bíblia foge de nossa capacidade de compreensão. As coisas que nos cercam, a natureza complexa, as dúvidas a respeito de como as coisas surgiram, tudo isto é colocado como questões que só podem ser respondidas pela fé em um poder além do homem.

Importante também é entender o conceito de “céu e terra”, descrito tanto no início (Gn 1:1) quanto no fim (Gn 2:4) do processo criativo. A que este conceito se refere? Von Rad comenta que apesar de outras nações próximas de Israel terem uma percepção mais preocupada com o “ser do mundo”, isso não era assim com Israel, que percebia o mundo mais como um evento¹⁸. E é esta relação de Israel com o mundo que importava para um israelita, já que “apenas o mundo criado em relação a ele interessa à ele”¹⁹. Assim, possivelmente “a expressão *hashamayim ve’et ha’arets* [transliterado], céus e terra, se aplica somente para o universo humano e não se refere aos mundos que estão além da experiência humana (Isa 65: 17; Jer 33: 25; Ps 115:15; 121: 2; 124: 8; 134: 3; 146: 6)”²⁰.

Na relação entre Gn 1:1 e 2:4, que marcam o início e o final do processo criativo, vemos que a ênfase no uso do conceito “céus e terra” está em descrever como eles estão em seu estado final e não como parte do processo semanal de criação²¹. Assim, este conceito é entendido de forma concreta, pois “céus e terra” se referem ao mundo criado com o qual o homem se relaciona. “O uso subsequente de cada termo separado faz referência para o céu [visível] e a terra seca no sentido mais restrito e concreto”²², como por exemplo, em: 1Rs 8:30; Sl 115:16, 123:1, 24:1, 89:11; 1Co 10:26 ; Ap 12:12.

1.3 Presente – Sl. 104: 30: “renovas a face da terra”

¹⁷ SARNA, Nahum M. The JPS torah commentary Genesis: The Traditional Hebrew Text with the New JPS Translation. 1. ed. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989, p. 5.

¹⁸ VON RAD, Gerhard; GIANELLI, Marcos; ARAÚJO, Reginaldo Gomes de. Teologia do antigo testamento. Tradução de Francisco Catão. 2 ed. , revisada. São Paulo, SP: Aste, 2006, p. 150.

¹⁹ DOUKHAN, Jacques B. Hebrew for theologians: a textbook for the study of biblical Hebrew in Relation to Hebrew thinking. 1. ed. New York: University Press of America, 1993, p. 196.

²⁰ Idem.

²¹ DOUKHAN, Jacques B. The Genesis creation story: its literary structure. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 1978, p. 74.

²² Idem.

O mundo foi criado por Deus, mas, além disso, ele continua sendo objeto da constante ação divina. Com a entrada do pecado, o mundo “saiu dos trilhos” propostos pelo Criador. Tornou-se necessário uma obra de redenção, para que o mundo pudesse voltar à ordem inicial. As coisas criadas sempre foram dependentes do cuidado do Criador. Agora, porém, muito mais. A regularidade presente na respiração, nas estações, no ordenado funcionamento do corpo são atribuídas a Deus. “Ele ativamente mantém a vida que Ele chamou a existência. Cada ser vivo é diretamente dependente de Deus pelo fôlego e alimento. Sem Ele todas as criaturas morreriam”²³. Comentando sobre o verso tema desta seção, LaRondelle afirmou:

O salmo 104 até utiliza o mesmo verbo específico “criar” (*bara*) – usado em Genesis 1:1 – para a contínua ação de Deus originando os novos nascimentos de todos os seres viventes. A fé de Israel insiste que o Espírito de Deus concede vida para qualquer pessoa. Até mesmo o crescimento de uma nova vegetação sobre a terra é atribuída ao Espírito de Yahweh, o processo contínuo de re-criação de um Deus ativo²⁴.

Como Kidner bem coloca, “a respiração, ou espírito, de cada ser vivo depende do Espírito, ou respiração, dEle; a mesma palavra se emprega nos v. 29 e 30 para ambos”²⁵. Tudo está relacionado com o cuidado divino. Nada acontece sem que Ele não esteja envolvido. Deus cria o mundo e continua cuidando dele até mesmo nos mínimos detalhes. A palavra que cria, também sustenta (Hb 1:3). “Nele, tudo subsiste” (Cl 1:17). Por isso “o presente processo é assim um processo de providência - de sustentação, conservação, manutenção, preservação – mais do que um processo de criação e desenvolvimento”²⁶.

1.4 Futuro – 2Pe 3:13. “Novos céus e nova terra”

²³ LARONDELLE, Hans K. Deliverance in the psalms: messages of hope for today. 1. ed. Berrien Springs: First Impressions, 1983, p. 191. “He actively maintains the life that He has called into existence. Every living being is directly dependent on God for breath and food. Without Him all creatures would die”.

²⁴ Ibidem, p. 192.

²⁵ KIDNER, Derek. Salmos 73-150: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. 1. ed. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2000, p. 390.

²⁶ MORRIS, Henry Madison. Biblical cosmology and modern science. 1. ed. New Jersey: Craig, 1970, p. 18.

Mais do que afirmar que o cosmos foi criado por Deus e que permanece sobre os cuidados divinos, a Bíblia aponta para uma condição futura do que será o mundo. A ideia de que este mundo passará por uma grande mudança é percebida claramente em textos como: “Pois eis que crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas” (Is 65:17; 66:22); “Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe” (Apoc 21:1); “Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2Pe 3:13); neles encontramos a promessa de que Deus há de fazer tudo “novo”. Segundo Ladd, o mundo passará de uma velha ordem para uma nova ordem, através da destruição e reconstrução do mundo pelo poder de Deus. Ele afirma:

A segunda epístola de Pedro enfatiza o elemento de descontinuidade no mais alto grau, contemplando a total destruição da velha ordem em um juízo de fogo. Contudo, a destruição não é o fim; é a emergência de um novo céu e de uma nova terra, liberta da corrupção, que contaminou a velha ordem²⁷.

A criação de Deus, quando acabada, ouviu de seu Criador uma expressão de gozo e contentamento pela obra recém-formada. “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era **muito bom**” (Gn 1:31 – com grifos acrescidos). Ela é identificada como muito bela e muito boa. Principalmente em Is 65:17-25, encontramos o que este novo céu e nova terra irão representar para este mundo. Seu cenário é descrito em termos semelhantes ao da criação, ao início da história do mundo. A história parece indicar um movimento de retorno ao ideal divino original em que não haverá mais morte e violência tal como relatado em Gn 1 e 2 antes da entrada do pecado. Os dois primeiros capítulos da Bíblia e os dois últimos descrevem a mesma realidade, porém com um diferencial determinante. Não serão os “céus e terra” que conhecemos, mas sim um “novo céu” e uma “nova terra”, livre de qualquer maldição (Ap 22:3) e da morte (Ap 21:4). No entanto, Morris pontua a ação de Deus como sendo a parte central de toda mudança no mundo. Ele afirma:

²⁷ LADD, George Eldon; ARANHA, Lena; LUCAS, Douglas. Teologia do novo testamento. Tradução de Degmar Ribas; Juan Carlos Martinez. 1.ed. , rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2003, p. 807.

A cosmologia bíblica, insiste que a origem, natureza e destino do cosmos pode ser compreendido completamente apenas em termos de uma atividade criadora, sustentadora e consumadora de um Deus transcendente, mas pessoal, tal como unicamente revelado no Livro que é Sua Palavra escrita²⁸.

Na Bíblia percebe-se que o mundo foi criado por Deus de maneira grandiosa e sobrenatural. Deus faz as coisas surgirem “pelo sopro de sua boca” (Sl 33:6) e a partir do nada. O mundo criado é uma realidade concreta na qual o homem e Deus podem se relacionar, no tempo e espaço. Deus também é o motivo pela qual as coisas não voltam ao caos já que usa seu poder através de sua obra de sustentar as coisas. É com base nisso que Ele faz suas promessas quanto ao futuro, de fazer “novos céus e nova terra”.

No livro de Jó encontramos um texto muito interessante, onde está escrito que “Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles” (Jó 1:6). Aqui não é retratado o lugar onde o encontro aconteceu, portanto, não podemos saber em que lugar do Universo ocorreu esta reunião, mas há a menção de que eles eram “filhos de Deus”. “A designação בְנֵי (bne'i – filhos de) aponta de maneira particular para a criação deles”²⁹. James Hastings comenta sobre os filhos de Deus relatados no primeiro capítulo do livro de Jó:

Nós encontramos esta frase [filhos de Deus] em toda parte no Antigo Testamento, e nós encontramos novamente neste Livro [Jó], usado para designar outros seres, que não no molde humano, empregado como ministros de Deus para julgamento e misericórdia, cuja criação data de um período mais antigo do que da terra material e de nós, seus habitantes³⁰.

São criaturas do mesmo Criador, que habitam em algum lugar do Universo, e que partilham da interação com a divindade de maneira pessoal.

²⁸ MORRIS, Henry Madison. Biblical cosmology and modern science. 1. ed. New Jersey: Craig , 1970, p. 16.

²⁹ DELITZSCH, F. Commentary on the Old Testament: Job. 1. ed. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1976. p. 53.

³⁰ HASTINGS, James. The Great texts of the Bible: Mark. 1. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1976. p. 3.

No entanto, esta concepção da Criação foi mudada através dos séculos e seu resultado muito influencia a concepção de mundo hoje, principalmente no meio cristão. Por isso, a seguir será analisada a concepção de alguns pensadores importantes na Igreja Cristã, com suas metodologias diferentes do que vimos na Bíblia. Analisaremos brevemente alguns teóricos, os fatores que os influenciaram em seus pensamentos e o propunham cada um sobre a cosmologia, com o enfoque na Criação.

2 Como alguns dos grandes pensadores cristãos enxergavam o mundo

2.1 Agostinho de Hipona – (354-430 A.D)

Como informado, Aurélio Agostinho é um filósofo que tratou do tema.

Foi educado para ser um orador e, depois, lecionou retórica em Cartago, em Roma e em Milão, onde ocupou posição de prestígio. Por influência do arcebispo Ambrósio de Milão, foi atraído para o cristianismo e em 386 A.D se converteu. Abandonou a carreira e dedicou-se a escrever obras cristãs, muitas de natureza filosófica³¹.

Agostinho morreu aos 75 anos como bispo em Hipona, no norte da África³². Várias mudanças de pensamento são percebidas em Agostinho até a sua conversão, mas, talvez, a que mais marcou sua visão de mundo antes de se tornar um cristão foram as ideias Maniqueístas e Neoplatonistas que ele assimilou. De fato, resquícios desta bagagem filosófica que ele adquiriu permaneceram com ele e foram refletidas em suas obras pós-

³¹ BUCKINGHAM et AL., O livro da filosofia. 1. ed. São Paulo: Globo, 2011. p. 73

³² Idem.

conversão. Como Gonzáles afirma: “A famosa conversão de Agostinho no jardim de Milão o tornou em um filósofo neoplatônico mais do que um teólogo Cristão[...]”³³.

Agostinho é considerado por muitos estudiosos como “talvez, o maior filósofo-teólogo da era cristã”³⁴. Ele influenciou muito do pensamento cristão formado ao longo dos séculos e, ainda hoje pode-se observar implicações de sua cosmologia na teologia Cristã. Por isto a importância da pergunta: como Agostinho enxergava a cosmologia dos primeiros capítulos de Gênesis?

2.1.1 Visão Cosmológica Agostiniana

Agostinho tentou seguir a origem do cosmos como a Bíblia o aponta, ou seja, através da Criação. Mas a Criação foi interpretada por ele sobre a base da filosofia (neo)platônica. Alguns conceitos utilizados por ele para explicar a origem do cosmos são filosóficos, a começar sobre a noção de tempo e eternidade que ele adota como lentes pra enxergar os primeiros capítulos da Bíblia. Eternidade para Agostinho é uma constante imóvel que não pode ter qualquer tipo de relação com tempo. “Na eternidade nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente”³⁵. O tempo está em constante movimento e transição ao passo que a eternidade permanece estática. É nesta ‘ausência de tempo’ chamada de eternidade que Deus permanece. Num eterno presente onde o tempo não avança (futuro) nem mesmo retrocede (passado). Agostinho afirma: “O teu hoje é a eternidade”³⁶. Para ele o tempo foi criado na criação. Ele afirma: “De fato, foste tu que criaste o próprio tempo, e ele não podia decorrer antes de o criares”³⁷.

Para Agostinho, Deus cria o tempo junto com a criação para se relacionar com a criação no tempo. Porém, sua natureza é atemporal, pois Ele é imutável e não sujeito a mudanças (temporal)³⁸. “O mundo é temporal, mutável, e a partir destes fatos o teísmo

³³ GONZÁLEZ, Justo L. Christian thought revisited: three types of theology. 1. ed. Nashville, EUA: Abingdon, 1989, p. 102. Para maior compreensão sobre o assunto confira a seguinte obra GONZALEZ, Justo L. Uma história do pensamento cristão. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004. 2 v. p. 22-24.

³⁴ SPROUL, R.C. Filosofia para iniciantes. 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2002., p. 58

³⁵ SANTO AGOSTINHO. Confissões. 1. ed. São Paulo - SP: Paulus, 1997, p. 340

³⁶ Ibidem, p. 342.

³⁷ Ibidem., p. 41

³⁸ Estas são formas diferentes de se compreender o tempo. O conceito temporal é caracterizado pela forma concreta com a qual Deus e o homem experimentam o tempo, diferentemente do conceito atemporal que é caracterizado pela forma abstrata, a ausência de tempo.

conclui que deve ser um eterno e imutável Ser que fez o mundo”³⁹. Tendo por base estes conceitos, Agostinho analisa o relato criativo como ocorrendo em um tempo diferente do nosso. A Criação, então, não teria se realizado em dias literais. As coisas criadas não foram feitas todas simultaneamente, e sim, em estágios sucessivos. Diz ele: “Nem todas as coisas, porém, que crias com a palavra, passam a existir simultaneamente e desde toda a eternidade”⁴⁰. González, comentando sobre este conceito de Agostinho, comenta:

Utilizando-se da tradição estoíca e platônica ele defende que Deus fez todas as coisas no primeiro dia, e elas se desenvolveram em um período mais longo, antes de haver contagem de tempo (criação dos astros). E ao sentido exato dos dias ele alegorizou com simbolismos⁴¹.

Interessante notar que suas afirmações expressam grande admiração pela complexidade que envolve a criação. Diz ele: “Como são magníficas as suas obras, Senhor!”⁴², “oxalá pudesse saber tudo o que importa conhecer...”⁴³. No entanto, isto não o impede de fazer conclusões pessoais e desenvolvê-las, construindo seu pensamento a partir de reflexões filosóficas sobre o texto bíblico.

Agostinho acreditava que Deus cria as coisas do nada (*ex-nihilo*). Pela palavra de Deus as coisas foram criadas e, por causa de Sua existência, a existência das demais coisas se torna possível. Ele estabelece a relação entre o Criador e o que é criado em termos de dependência exclusiva. A criação depende exclusivamente de Deus, e Ele é independente de tudo⁴⁴. “A criação não é uma necessidade (como no pensamento grego), e o mundo material não é eterno”⁴⁵. As coisas vieram a existir pela vontade de Deus. Deus cria no Princípio que é o Verbo, o Filho. “Tudo fizeste na Tua Sabedoria! É ela o princípio, e neste princípio criaste o céu e a terra”⁴⁶. O universo criado por Deus não foi feito imutavelmente bom. Mesmo com a visão de mundo dual (mundo espiritual

³⁹ GEISLER, Norman L.; WATKINS, William D. *Worlds apart: a hand book on world views*. 2. ed. Michigan: Baker Book House, 1984. v. 1 p. 24.

⁴⁰ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. 1. ed. São Paulo - SP: Paulus, 1997, p. 336-337

⁴¹ GONZALEZ, Justo L. *Uma história do pensamento cristão*. vol 2. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004, p. 38.

⁴² SANTO AGOSTINHO, op. cit., p. 338.

⁴³ *Ibidem*, p. 341.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 334-335

⁴⁵ SPROUL, R.C. *Filosofia para iniciantes*. 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2002, p. 62

⁴⁶ SANTO AGOSTINHO, op. cit., p. 338-339.

x material)⁴⁷ ele não acreditava que a matéria era má, Deus criou tudo bom, mas sujeito a mudanças.

Em suma, Agostinho enxergava o mundo criado em um relacionamento de dependência ao Criador. Deus cria os céus e a terra em um período de dias não-literais, mas simbólicos. Apesar de ser atemporal Deus cria o tempo (na criação) e se relaciona no tempo com sua criação. Devido à influência que recebera dos escritos de Platão, Agostinho apresenta em suas obras (principalmente relacionada aos sacramentos) uma visão que diferencia o mundo espiritual do material. Esta compreensão da realidade rege sua teologia. Tomás de Aquino, mais tarde, toma as rédeas do aristotelismo e tenta unir razão e fé. Como feito com Agostinho, também ver-se-á adiante como Tomás enxergou a cosmologia da criação.

2.2 Tomás de Aquino – (c. 1225 – 1274)

Tomás de Aquino nasceu na cidade de Roccasecca, na Itália em 1225. Estudou na Universidade de Nápoles. Também estudou em Paris e em Colônia, tendo como mentor Alberto Magno, “na época o teólogo mais aplaudido do mundo”⁴⁸. Este grande teólogo alemão exerceu grande influência sobre Tomás de Aquino, inculcando nele sua grande apreciação pelas obras e pensamento de Aristóteles. Sua influência sobre o promissor pensador italiano pode ser percebida no método que Aquino utiliza ao fazer teologia, enaltecendo a razão e ligando-a com a fé. Como bem relatado por Lane, “o objetivo de Tomás foi construir uma síntese entre razão e fé, filosofia e teologia, doutrina Aristotélica e Católica”⁴⁹. O mesmo autor continua: “O sistema de Tomás é como uma casa de dois pisos: A filosofia Aristotélica provê o fundamento e o primeiro piso; a teologia Católica completa e aperfeiçoa adicionando o segundo piso e o teto”⁵⁰.

2.2.1 Visão cosmológica Aquiniana

Na era medieval, a compreensão do cosmos estava ligada com níveis hierárquicos ordenados do maior (nível) para o menor em grau de importância. Esta escala, resumidamente, pode ser exemplificada nesta ordem: Deus, anjos, mundo e

⁴⁷ TEIXEIRA, Carlos Flávio. Teologia e Filosofia. 1 ed. Engenheiro Coelho, SP: Academia Teológica, 2015, p. 83.

⁴⁸ SPROUL, R.C. Filosofia para iniciantes. 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2002, p. 68.

⁴⁹ LANE, Tony. The Lion book of christian thought. 1. ed. United States: Lion, 1992, p. 101.

⁵⁰ Idem., p. 345.

humanos⁵¹. A natureza era percebida em um estado de ordem, e é justamente sobre esta percepção que Aquino constrói sua ideia de criação – origem do universo.

Aristóteles dizia que o universo sempre existiu. Ele afirmava também que o universo não era estático, mas que se movia gerando mudança. O universo constantemente está em movimento e mudando através dos tempos. Esta visão do universo conflita com a compreensão bíblica do universo como tendo uma origem. Aquino, contudo, une as duas compreensões, afirmando que o mundo teve um começo, mas que pode ter sido criado por Deus para existir eternamente⁵². Este mundo só pode vir a existir a partir de algo que já existe, o que ele chama de causa não causada. Uma realidade primeira e dinâmica que ele identifica como sendo Deus⁵³.

Geisler observa que para Tomás de Aquino, o universo foi criado do nada (*ex nihilo*) e que o fim dele também caminha para o nada. Aquino acreditava na criação, por fé, mas acreditava também que as realidades dentro da fé podem ser entendidas racionalmente. Em sua compreensão “não havia tempo antes do tempo, apenas um antes e um depois, sendo assim, Deus é atemporal, pois não partilha nenhum tipo de mudança”⁵⁴. Para Aquino, a razão não conseguia suplantar todos os mistérios envolvidos na criação. Segundo Olsen, “Aquino pensava que o princípio do mundo natural dentro do tempo (ou no começo do tempo) e especialmente *ex nihilo* (do nada) não podia ser demonstrado pela filosofia”⁵⁵.

O que serviu de base para toda a teologia de Tomás de Aquino era uma tentativa de unir dois reinos. Para Aquino existia o “reino inferior” e o “reino superior”, representados, respectivamente, pela filosofia de Aristóteles (teologia natural) e a revelação sobrenatural⁵⁶. A razão não era o único caminho para o conhecimento de Deus, mas ocupava um lugar de grande importância neste processo. O sobrenatural e a graça estão ligadas com a “esfera superior” e pertencem ao campo da fé. A teologia

⁵¹ GULLEY, Norman R. Systematic theology: prolegomena. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2003, p. 13.

⁵² BUCKINGHAM et AL., O livro da filosofia. 1. ed. São Paulo: Globo, 2011, p. 91.

⁵³ Esta é a terceira maneira na qual Aquino entende e defende a existência de Deus. Esta também, segundo alguns estudiosos, é considerada a base de sua teologia. Ver OLSON, Roger E. História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo, SP: Vida, 2001, p. 345-348.

⁵⁴ GEISLER, Norman L.; WATKINS, William D. Worlds apart: a hand book on world views. 2. ed. Michigan: Baker Book House, 1984.

⁵⁵ OLSON, Roger E. História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo, SP: Vida, 2001, p. 347.

⁵⁶ Ibidem.

natural que ele desenvolve aponta para a revelação de Deus a partir da natureza. “Para ele Deus pode ser conhecido pela natureza e não somente pela fé”⁵⁷. No entanto, segundo Aquino, a natureza e o sobrenatural trabalham juntos: “As duas esferas não são opostas. Elas são distintas, mas complementares”⁵⁸.

Em resumo, Tomás de Aquino tinha sua visão de mundo baseada na união entre a filosofia e a teologia Católica. Para ele o cosmos pode ter sido criado para ser eterno, mas isto só é possível se ele veio de algo que já existisse, e este “algo” ele chama de Deus. As criaturas que existem se assemelham a Deus porque foram causadas por Ele⁵⁹. A Razão, para Aquino, era muito importante para entender o mundo e a revelação de Deus na natureza. Mas ela agia em conjunto com o sobrenatural na tarefa de entender a realidade. Assim como Agostinho, Tomás de Aquino exerceu muita influência na teologia cristã, porém com ideias diferentes. Como Bohner coloca muito bem:

De início, o Aquinate [conjunto da obra de Aquino] parecia aproximar-se de um agostinismo extremo; agora, aparentemente, vemo-lo passar-se do corpo e alma para o aristotelismo e o naturalismo. Compreende-se, pois, que precisamente nos tempos modernos estas duas tendências dessem ensejo a interpretações contraditórias do tomismo⁶⁰.

Assim como o pensamento de Tomás de Aquino teve muita influência no meio cristão, Martinho Lutero também deu sua contribuição. Analisaremos um pouco de seu pensamento a respeito da origem do cosmos.

2.3 Martinho Lutero – (1483 – 1546)

Martinho Lutero nasceu em Eisleben em 10 de novembro de 1484. Seu pai trabalhava em uma mina de cobre e poucos meses após o nascimento de Martinho ele se muda para Mansfeld, onde alcança prosperidade em seu trabalho. Com isso seu pai decide investir na educação dos filhos e Martinho começa sua carreira em direito no ano de 1501. Porém, em 1505 ele abandona a universidade para ingressar na vida monástica.

⁵⁷ SPROUL, R.C. Filosofia para iniciantes. 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2002. p. 70-71

⁵⁸ OLSON, Roger E. História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo, SP: Vida , 2001. p. 345. Este conceito “dualístico” de Aquino pode ser uma evidência da mistura de pensamentos que ele desenvolveu ao longo de sua vida. Aristóteles não enxergava o mundo exatamente desta forma, conforme meniona CANALE, Fernando. A Criticism of Theological Reason: Time and Timelessness as Primordial Presuppositions. Berrien Springs: Andrews University Press, 1987, p. 89-95.

⁵⁹ BOEHNER, Philotheus. História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa. 8. ed. Petrópolis: Vozes , 1970, p. 464.

⁶⁰ Idem.

Torna-se frade agostiniano⁶¹. Um frade agostiniano que, por meio das Escrituras, encontrou a segurança de Cristo. Lutero foi o precursor da Reforma que trouxe a hermenêutica para um novo patamar nos estudos da Bíblia⁶².

Lutero passa a crescer em sua nova carreira, ganha respeito na vida monástica e abre novas perspectivas através de seus estudos sobre os Pais da Igreja. Desenvolveu-se chegando a perceber que a Palavra de Deus, as Sagradas Escrituras, havia sido negligenciada por muitos. Ele não apoiava abertamente o uso da filosofia dentro da esfera da Teologia (apesar de ser influenciado por ela⁶³) e tenta romper o pressuposto filosófico ao fazer teologia. Para ele “a palavra de Deus é o ponto de partida da teologia”⁶⁴. “A palavra de Deus não é apenas um ato de auto revelação, mas é também a ação e o poder de Deus”⁶⁵. Assim a igreja pelas muitas filosofias, “perverteu a Palavra de Deus e enganou o mundo”⁶⁶.

2.3.1 Visão cosmológica Luterana

A Criação não é entendida por Lutero como sendo um ato acabado, mas um evento que continua acontecendo (criação em andamento). Comentando Gn 2:4 ele afirma: “Quando ele (Moisés) diz: ‘no dia,’ isto é para ser entendido como um dia que permanece contínuo e que não foi terminado”⁶⁷. O Deus que cria também intervém nos eventos que sucedem a criação. Assim, a bondade de Deus é percebida na capacidade de Deus em continuar sua intervenção no processo criativo. Por isso, “Lutero regularmente não fazia distinção entre criação e preservação”⁶⁸.

⁶¹ WALKER, Williston et all. História da igreja cristã. 3. Ed. São Paulo, SP: Aste, 2006. p. 492-493.

⁶² GULLEY, Norman R. Systematic theology: prolegomena. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2003, p. 537.

⁶³ Principalmente em seu conceito ambíguo de *sola scriptura*, onde é percebido que Lutero considerava a tradição (especialmente Agostinho) e as Escrituras como os meios válidos em que ele havia mais aprendido sobre Deus, Cristo, homem, e de todas as coisas. Ver: CANALE, Fernando L. Sola Scriptura y la Hermenéutica: ¿Son la teología evangélica y la adventista compatibles? Davarlogos, Argentina, v. X, n. 1, p. 107-139, 2011.

⁶⁴ GONZALEZ, Justo L. Uma história do pensamento cristão. v. 3. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004. p. 47.

⁶⁵ Ibidem.,

⁶⁶ GULLEY, Norman R. Systematic theology: prolegomena. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2003, p. 538.

⁶⁷ LUTHER, Martin. Luther's commentary on Genesis: chapters 1-21. 1. ed. United States: Zondervan Publishing House, 1958. p. 42.

⁶⁸ LOHSE, Bernhard. Martin Luther an introduction to his life and work: an introduction to his life and work. 1. ed. United States: Fortress Press, 1986. p. 172.

Na visão de Lutero, a relação de Deus com o mundo criado pode ser entendida a partir de sua interpretação dos textos de Sl. 5:12 e Is. 40:12. Utilizando-se a Vulgata latina: “Ele segura o mundo todo na concha de sua mão”; “Então corra pelo mundo se você quiser. Para onde você irá correr? Você sempre irá correr para a mão e o colo de Deus”⁶⁹. Para Lutero, Deus está em uma incessante atividade. “Deus não descansa, mas atua incessantemente”⁷⁰. As criaturas de Deus são instrumentos em suas mãos com o qual Ele age, transmitindo dons das maneiras mais diversas. Esta ação de Deus é estendida até mesmo aos seus inimigos, Satanás e os ímpios. Todos cumprem o fim que Deus deseja⁷¹.

É percebido no pensamento de Lutero acerca da alma humana, traços do dualismo platônico que implicam em sua visão de mundo. Para ele, “o homem é criatura de Deus constituída de corpo e alma viva, feita no princípio à semelhança de Deus, sem pecado, a fim de se procriar e de dominar sobre as coisas, sem nunca morrer”⁷². Corpo e alma se unem para formar o homem. Esta união permanece até a morte, quando é separada a alma do corpo. Isto fica claro quando Lutero tenta conciliar a humanidade de Cristo e Sua divindade. Como ele mesmo afirma:

A comparação mais adequada é a natureza humana. Pois assim como essa se constitui de duas partes distintas, a alma e a carne, assim a pessoa de Cristo se constitui de duas naturezas unidas; não obstante, no fim, depois de morta a pessoa, a alma se separa da carne⁷³.

Uma questão é levantada com esta divisão. Para onde a alma vai depois que se separa do corpo? Lutero mesmo responde essa questão afirmando que existem dois tipos de morte, uma temporal e outra eterna. A morte temporal é uma figura da morte

⁶⁹ LOHSE, Bernhard. Martin Luther an introduction to his life and work: an introduction to his life and work. 1. ed. United States: Fortress Press, 1986. p. 173.

⁷⁰ LIENHARD, Marc. Martin Lutero: tempo, vida, mensagem. 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 286.

⁷¹ Ibidem, p. 286-287.

⁷² LUTERO, Martinho. Obras selecionadas – v. 3: Debates e Controvérsias. Tradução de Ilson Kaiser *et al.* 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2007. p. 195.

⁷³ Ibidem, p. 294.

eterna, cuja “a alma é libertada e separada do pecado e o corpo é separado da corrupção e, através da graça e da glória, é ligada ao Deus vivo”⁷⁴. Assim, a alma vai para a realidade de Deus, aparte da nossa, onde ela habita de forma plena. Esta concepção dualística de homem implica também em uma correspondente concepção de mundo dual, pois na morte se satisfaz ambos os “mundos” (alma – realidade divina/corpo – realidade humana).

Portanto, para Lutero, o mundo é criado por Deus e continua sobre Seus cuidados. Ele via a preservação de Deus como uma espécie de criação contínua. Esta regularidade se dá porque o Deus que cria continua trabalhando da mesma maneira que vemos na criação de todas as coisas. Assim como Deus cria, com poder, Ele tem a capacidade de cuidar de suas criaturas⁷⁵. Lutero foi conhecido por valorizar as Escrituras como um meio primário e muito importante para se chegar ao conhecimento teológico. “A hermenêutica de Lutero foi contra colocar qualquer coisa no lugar da Palavra escrita ou falada”⁷⁶. Apesar de exaltar a atuação de Deus em nosso mundo, Lutero repetiu a concepção de imortalidade da alma, a qual sugere implicitamente a concepção dualística de mundo. A seguir, veremos como se desenrolou a compreensão sobre o cosmos com um dos grandes teólogos que tentaram dar continuidade ao feito de Lutero.

2.4 João Calvino – (1509 – 1564)

Diferentemente de Lutero, a vida de Calvino não foi assunto de muitos pesquisadores. Alguns detalhes de sua vida pessoal permanecem em vários aspectos desconhecidos⁷⁷. Mas conforme informado, João Calvino nasceu em 1509 em Noyon, nordeste da França. Calvino estudou em Paris nas universidades de Orleans e Bourges e se tornou um admirador de Erasmo e do Humanismo⁷⁸. Seu pai, Geraldo Calvin, queria que ele seguisse uma carreira na teologia e no sacerdócio. Porém, alguns problemas

⁷⁴ LUTERO, Martinho. Obras selecionadas – v. 8: Interpretação Bíblica, Princípios. Tradução de Adolpho Schmidt *et al.* 1. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. p. 290.

⁷⁵ KERR, Hugh T. A compend of Luther's theology. 1. ed. United States: The Westminster, 1943, p. 29-31.

⁷⁶ GULLEY, Norman R. Systematic theology: prolegomena. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2003. p. 538.

⁷⁷ WENDEL, François. Calvin: origins and development of his religious thought. 1. ed. Carolina do Norte: [s.n.], 1987. p. 15.

⁷⁸ LANE, Tony. The Lion book of christian thought. 1. ed. United States: Lion, 1992. p. 141.

com os responsáveis pelo serviço religioso da catedral de sua própria cidade fez com que seu pai o colocasse para estudar direito⁷⁹.

Sua conversão provavelmente ocorreu em 1533⁸⁰ e é descrita como sendo uma conversão súbita. Calvino mesmo afirma: “Deus, por um ato súbito de conversão, subjuguou e trouxe minha mente a uma disposição suscetível”⁸¹. Logo depois de sua conversão, dedicou-se aos assuntos teológicos e no ano de 1535 ele já estava começando a escrever a primeira edição das *Institutas da Religião Cristã*⁸². As Institutas de Calvino foram recebidos como “uma chave abrindo caminho para todos os filhos de Deus num entendimento bom e correto das Escrituras Sagradas”⁸³.

A teologia de Calvino se baseou nos ensinamentos de alguns grandes ícones da reforma protestante, como por exemplo, Lutero, Zuínglio e Bucer⁸⁴.

Calvino rejeitou a teologia natural, optando pela Palavra de Deus como o caminho mais seguro para alcançar o conhecimento divino, e enalteceu as Escrituras, inspiradas e iluminadas pelo Espírito Santo, com autoridade única e suprema para a fé e prática cristãs⁸⁵.

Este enaltecimento das Escrituras realizadas por Calvino colocava a Bíblia em um papel primário de autoridade. Dentro da compreensão bíblica de Calvino estava a abertura a alguns intérpretes que o antecederam e o influenciaram, como Agostinho. “A doutrina de Deus sustentada por Calvino é completamente agostiniana, por considerá-la totalmente bíblica”⁸⁶. Calvino também “colocou toda sua teologia sob a marca de um dos essenciais princípios da reforma: a absoluta transcendência de Deus e sua total

⁷⁹ WALKER, Williston et al. História da igreja cristã. 3. Ed. São Paulo, SP: Aste, 2006. p.553.

⁸⁰ LOPES, Marisa K. A. de Siqueira; MOURA, Sérgio Siqueira; SILVA, Edvanio; FERREIRA, Franklin. A Igreja Cristã na história: das origens aos dias atuais. Fernando Mauro S. Pires; Revisão de Mauro Nogueira. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2013, pg. 165.

⁸¹ GONZÁLEZ, Justo L. Uma história do pensamento cristão. vol. 3. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004, p. 137.

⁸² Ibidem, p. 138.

⁸³ LOPES, Marisa K. A. de Siqueira; MOURA, Sérgio Siqueira; SILVA, Edvanio; FERREIRA, Franklin. A Igreja Cristã na história: das origens aos dias atuais. Fernando Mauro S. Pires; Revisão de Mauro Nogueira. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 166.

⁸⁴ OLSON, Roger E. História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo, SP: Vida, 2001. p. 420.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.

‘diferença’ em relação ao homem”⁸⁷. Essa transcendência de Deus é entendida em termos da realidade divina atemporal⁸⁸.

2.4.1 Visão Cosmológica Reformada

Para Calvino o mundo foi criado do nada (*ex nihilo*). A palavra de Deus foi suficiente para trazer as coisas do nada⁸⁹. Esta ação poderosa de Deus “revela apenas a Si mesmo como eterno, como único Ser em si mesmo que pode comunicar à suas criaturas tal ser que elas possuem”⁹⁰. Para ele, Deus “criou todas as coisas e as sustém. Como Criador, ele em nenhum sentido é limitado pela criação”⁹¹. E esta criação não acontece por acaso, ou sem intenção e propósito. “Calvino designa para a Criação um fim, um propósito, o qual não é outro senão o homem”⁹².

Calvino entendia que a criação do homem ocupa posição central na doutrina da Criação, mas ele também é claro em afirmar a existência de um “outro mundo”, onde a alma fazia morada juntamente com os seres celestiais. “Em muitos lugares Calvino enfatiza o fato de que a Criação não consiste apenas do mundo que é visível e perceptível aos sentidos, mas também do espiritual e invisível mundo, povoado por anjos assim como por almas humanas”⁹³.

Assim, podemos resumir que João Calvino através de sua obra *As Institutas da Religião Cristã*, muito influenciou a maneira como muitos estudiosos após a reforma enxergariam a bíblia e seus temas. Porém, é percebido, primeiramente a grande influência que a tradição cristã, principalmente Agostinho, teve sobre sua teologia. Ele acreditava que o mundo foi criado por Deus através poder de Sua Palavra. Afirmou que o centro da criação é o homem, mas ressaltou a diferença entre Deus e o homem. Para Calvino, a transcendência de Deus é explicada em termos da atemporalidade, vivenciada em “outro mundo” no qual a alma e os seres celestiais habitam.

⁸⁷ WENDEL, François. Calvin: origins and development of his religious thought. 1. ed. Carolina do Norte: [s.n.], 1987. p. 151.

⁸⁸ CANALE, Fernando Luis. Basic elements of christian theology: scripture replacing tradition. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2005. p. 145.

⁸⁹ WENDEL, François. Calvin: origins and development of his religious thought. 1. ed. Carolina do Norte: [s.n.], 1987. p. 170.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ LOPES, Marisa K. A. de Siqueira; MOURA, Sérgio Siqueira; SILVA, Edvanio; FERREIRA, Franklin. A Igreja Cristã na história: das origens aos dias atuais. Fernando Mauro S. Pires; Revisão de Mauro Nogueira. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 166.

⁹² WENDEL, op cit., p. 170.

⁹³ Ibidem, p. 171-172.

Ao longo das eras, mudanças aconteceram na forma como a cristandade entendia o relato bíblico da Criação. Observando-se alguns personagens da história cristã, percebe-se a influência que eles tiveram na construção do pensamento sobre o tema da cosmologia. Porém, cabe avaliar como a Igreja Adventista do Sétimo Dia entende o cosmos e a relação de Deus com suas criaturas.

3 Cosmologia da criação na concepção da Igreja Adventista do Sétimo Dia

3.1 Ellen G. White (1827 – 1915)

Para Ellen White uma pioneira da igreja adventista do sétimo dia e considerada profetisa pela denominação, a Criação também é considerada de grande importância. A maneira como Deus origina as coisas, através de Sua Palavra, é uma demonstração do poder que Ele possui, mas também é uma excelente demonstração de Seu amor. Estes dois elementos, poder e amor, caracterizam o Criador no início do mundo e no decorrer da história. Deus também deixa marcas na natureza, marcas que O revelam. Porém, a natureza não revela a Deus por completo. Segundo ela, “a natureza é um poder, mas o Deus da natureza tem poder ilimitado. Suas obras interpretam o Seu caráter”⁹⁴.

A história do mundo contida na Bíblia é o único relato digno de confiança. Para ela, “A mente e a mão divina preservaram através dos séculos o registro da criação em sua pureza. É somente a Palavra de Deus que nos dá um relato autêntico da criação de nosso mundo”⁹⁵. Esta preservação não é ausente de significado, pois é a partir da Criação que se encontra o desenrolar a história da humanidade:

A Bíblia é a história mais instrutiva e abrangente que já foi dada ao mundo. Suas páginas sagradas contêm o único relato autêntico da criação. Contemplamos aqui o poder que ‘estendeu os céus e lançou os fundamentos da Terra’. Encontramos aqui a história verdadeira da humanidade, não deturpada pelo preconceito ou orgulho humano⁹⁶.

⁹⁴ WHITE, Ellen G. Mensagens escolhidas. Tradução de Luiz Waldvogel, Isolina A. Waldvogel. 2. ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985, p. 309.

⁹⁵ DEDEREN, Raoul (Ed.). Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia. Tradução de José Barbosa da Silva. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, 506.

⁹⁶ Ibidem, p. 505.

A natureza tem um papel especial de revelar a Deus através da beleza e complexidade das coisas criadas. Atentar-se para a natureza e considerar as obras de Deus é fundamental. “Se os homens abrissem seu entendimento para discernir a relação entre a natureza e a natureza de Deus, fiéis reconhecimentos do poder do Criador seriam ouvidos. Sem a vida de Deus, a natureza morreria. Seus atos criativos são dependentes dEle⁹⁷”. Desta forma Ellen White aponta para um Deus Criador que mantém todas as coisas com o mesmo poder:

O Deus do céu está continuamente em atividade. É pelo Seu poder que a vegetação cresce, que cada folha brota e toda flor desabrocha. Toda gota de chuva ou floco de neve, cada haste de grama, folha, flor e arbusto, testifica de Deus. Essas pequeninas coisas, tão comuns em torno de nós, ensinam a lição de que nada escapa à consideração do infinito Deus, nada é insignificante demais para a Sua atenção⁹⁸.

Deus está perpetuamente atuando na natureza. Ela é serva Sua, por Ele dirigida como Lhe apraz. Por sua atenção, a natureza testifica da presença inteligente e da intervenção ativa de um Ser que procede em todas as Suas obras em conformidade com Sua vontade. Não é por meio de uma condição original inerente à natureza que ano após ano a Terra produz as suas dádivas, e prossegue em sua marcha em redor do Sol. A mão do infinito poder está perpetuamente em atividade, guiando este planeta⁹⁹.

Na compreensão de Ellen White, o relato da criação do mundo na Bíblia deve ser encarado como literal. O ato de Criação de Deus acontece em uma semana, não em longas eras de desenvolvimento. Disse ela que:

A Bíblia não admite longas eras em que a Terra vagorosamente evoluiu do caos. De cada dia consecutivo da criação, declara o registro sagrado que

⁹⁷THE Seventh-day Adventist Bible students' source book. 1. ed. Washington: Review and Herald , 1962. v. 9, p. 1081.

⁹⁸ WHITE, Ellen G. Testemunhos para a igreja - vol. 8. Tradução de Hélio L. Grellmann. 1. ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006, p. 260.

⁹⁹ Ibidem, p. 259.

consistiu de tarde e manhã, como todos os outros dias que se seguiram. No final de cada dia dá-se o resultado da obra final do Criador¹⁰⁰.

É muito interessante notar também, como ela descreve a interação de Deus com Suas criaturas. Deus escolhe se relacionar de forma pessoal, íntima e duradoura com Sua criação. Comentando sobre o relato da Criação, Ellen White nos apresenta Deus se fazendo presente de forma pessoal na vida do primeiro casal (Adão e Eva). Para ela, no jardim do Éden, homem e mulher “eram visitados pelos anjos, e concedia-se-lhes comunhão com seu Criador, sem nenhum véu obscurecedor de permissão”¹⁰¹. Aqui vemos Deus, anjos e humanidade interagindo-se no tempo e espaço. Porém, este tipo de relação pessoal entre Deus e suas criaturas, não acontece somente na criação.

Ocorre também um contexto onde Deus escolhe habitar no meio de Seu povo através do Santuário. Ellen White comenta que “Cristo estabeleceu Seu tabernáculo no meio de nosso acampamento humano. Estendeu Sua tenda ao lado da dos homens, para que pudesse viver entre nós, e tornar-nos familiares com Seu caráter e vida divinos”¹⁰². Deus mais uma vez se revela interagindo conosco, entre nós. “Em Cristo se acham ligadas a família da Terra e a do Céu”¹⁰³. Isto também é percebido na maneira com que Jesus revelava Deus em seus ensinamentos. Ela afirma:

Ensinava que o Céu e a Terra se achavam ligados, e que o conhecimento da divina verdade prepara melhor os homens para o cumprimento dos deveres da vida diária. Falava como uma pessoa familiarizada com o Céu, cônica de Suas relações com Deus, e todavia reconhecendo Sua unidade com cada membro da família humana¹⁰⁴.

¹⁰⁰ WHITE, Ellen G.; LIEDKE, Abigail R. (Ed.); CARVALHO, Juarez. Patriarcas e profetas: o conflito entre o bem e o mal, ilustrado na vida de homens santos da antiguidade. Tradução de Flávio L. Monteiro. 16. ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009, p. 112.

¹⁰¹ Ibidem, p. 50.

¹⁰² WHITE, Ellen G. O Desejado de todas as nações. Tradução de Isolina A. Waldvogel. 22. ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 23.

¹⁰³ Ibidem, p. 25-26.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 254

Resumindo, para Ellen White, o relato bíblico da Criação é considerado como o único relato confiável das origens. Mas este relato fala não só sobre a origem do mundo, mas também do caráter do Criador. Deus enche o mundo com recordações de seu poder e cuidado. Ele estabelece em sua criação uma recordação de que as coisas existem por causa dEle mesmo. Ele não precisa de matéria pré-existente para criar algo. Seu poder é percebido na manutenção da criação. Cada detalhe mínimo é atribuído aos seus cuidados, e é por causa deste cuidado que o mundo pode continuar em atividade. Sua forma de se relacionar com Suas criaturas é pessoal. Deus interage com suas Criaturas no tempo e espaço. Isto pode ser percebido na Criação, no decorrer da história e de maneira mais marcante na encarnação de Cristo, onde o próprio Deus se fez homem, se fez um conosco. Na perspectiva de Ellen White, o fato de Cristo ter habitado aqui e ter prometido habitar conosco para sempre, revela a grandeza de Deus e Sua vontade sincera de estar perto de quem Ele ama. E quando a obra de salvação se concretizar, Ellen White aponta para uma perspectiva incrível, onde:

Nosso pequenino mundo, sob a maldição do pecado, a única mancha escura de Sua gloriosa criação, será honrado acima de todos os outros mundos do Universo de Deus. Aqui, onde o Filho de Deus habitou na humanidade; onde o Rei da Glória viveu e sofreu e morreu — aqui, quando Ele houver feito novas todas as coisas, será o tabernáculo de Deus com os homens, “com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus”. Apocalipse 21:4. E através dos séculos infintos, enquanto os remidos andam na luz do Senhor, hão de louvá-Lo por Seu inefável Dom — Emanuel, “Deus Conosco”¹⁰⁵.

Portanto, com base nos textos mencionados acima percebemos que, para Ellen White, não há lugar para a concepção dualística de mundo, no qual o lugar onde Deus habita o separa em absoluto da realidade espaço-temporal humana. Pelo contrário, através de Cristo, o Céu e a Terra estão ligados por laços de amor eterno. Veremos agora a forma com que a igreja adventista enxerga a cosmologia.

3.2 Teólogos Adventistas

A Bíblia é reconhecida como a única regra de fé e prática para a igreja adventista do sétimo dia. É na Bíblia que tal denominação se baseia ao fazer teologia, e de onde

¹⁰⁵ WHITE, Ellen G. O Desejado de todas as nações. Tradução de Isolina A. Waldvogel. 22. ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 26.

extraí suas crenças e práticas eclesiais. Sendo assim, ao mostrarmos um pouco de como a Igreja Adventista enxerga a cosmologia, devemos entender que ela tem como objetivo entender o mundo da maneira como se encontra revelado nas Escrituras.

Para os adventistas do sétimo dia “o registro da criação em Gênesis 1 e 2 é literal e histórico, assim como se acreditava quase que unanimemente até o século 18”¹⁰⁶. É entendida não como simbolismos, mas como algo que de fato aconteceu como se encontra retratado no texto. Para criar, Deus não precisa de matéria, Ele chama as coisas à existência a partir do nada (*ex nihilo*). “Deus é antes de tudo o mais e que Ele é a única causa de toda a criação”¹⁰⁷. Pela palavra de Deus as coisas foram criadas, “Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir” (Sl 33:9).

Na perspectiva adventista, portanto, a criação é percebida como um todo, em um conceito amplo. Não há espaço para a dicotomia comum na teologia cristã entre mundo espiritual e material, pois “a concepção bíblica é de que a matéria é boa, e os elementos materiais e espirituais contidos em um ser vivente não devem ser isolados ou discriminados”¹⁰⁸. E os conceitos de céu e terra, presentes no relato bíblico são entendidos como fazendo referência ao nosso planeta:

Uma forma de avaliar essa interpretação é ver como a locução “os céus e a Terra” é usada no restante da narrativa. Um exame das ocorrências mostra que a palavra “céus” não aponta para o Universo, mas para o céu atmosférico que rodeia a Terra”¹⁰⁹. “O foco da locução “os céus e a Terra” em Gênesis 1 é, portanto, a Terra, e não o Universo nem os céus estrelados”¹¹⁰.

¹⁰⁶ DEDEREN, Raoul (Ed.). Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia. Tradução de José Barbosa da Silva. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 503.

¹⁰⁷ SILVA, Vanderlei Dorneles da; NICHOL, Francis D. Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia. 1 ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 187.

¹⁰⁸ DEDEREN, op. cit., p. 503.

¹⁰⁹ A aplicação da expressão “céus e terra” diverge entre alguns teólogos adventistas. Para alguns, a expressão se aplica somente ao planeta terra. Para outros, a expressão pode ser aplicada tanto para nosso planeta, quanto para todo o Universo. Ver esta outra possibilidade de aplicação na obra de RICE, Richard. *Reign of God: an introduction to christian theology from a seventh-day adventist perspective*. 2. ed. Michigan: Andrews University Press, 1997. p. 78. Adota-se no corpo do texto, a perspectiva de que a expressão se refere somente ao céu atmosférico. Isto por entendermos que o israelita via o mundo com base naquilo com que ele possa interagir, ou, com aquilo que está mais próximo de sua experiência (ver página 5 do presente artigo). Deve-se, contudo, reconhecer que a questão continua em aberto para discussão.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 469.

Os adventistas percebem na criação uma distinção fundamental entre Criador e criatura e também entre Deus e o mundo. A criação depende de Deus para existir, mas Deus existe sem depender de sua criação¹¹¹. O fato de Deus ser Criador se torna a base para as suas ações grandiosas na história do povo de Israel. Ele atua com grande poder, e este poder é identificado na origem do mundo. Sobretudo, “Deus ainda conserva poder sobre o que criou”¹¹². A maneira como Deus aparece no princípio das coisas permanece ao longo da história. Assim, na compreensão adventista, “o relato da Criação no início da Bíblia é, portanto, apenas uma introdução para a história do plano da salvação”.¹¹³ A visão de mundo apresentada no início da Bíblia também antecipa o ideal de Deus para o futuro, pois, no fim:

Deus tornará a exercer Seu poder quando produzir Sua nova criação: os novos céus e a nova Terra. Mais uma vez a Terra sairá das mãos de seu Criador, pura e bela. Restaurada à sua beleza edênica, a Terra se tornará o lar dos salvos e demonstrará ao Universo que Deus é amor e que, por meio desse amor, restaurou para Seu povo todas as coisas. É assim que o poder criativo e redentor de Deus será plenamente demonstrado no fim do grande conflito¹¹⁴.

Em todos esses aspectos podemos entender um pouco da perspectiva da teologia adventista dos sétimo dia sobre a criação e a visão de mundo apresentada nos primeiros capítulos de Gênesis. O texto é entendido de forma literal e histórica, como um acontecimento real. Deus cria as coisas sem matéria pré-existente (*ex nihilo*) e de forma integrada, isto é, sem dicotomia entre o espiritual e o real. Os “céus e terra”, que caracterizam nosso mundo, fazem referência a uma realidade concreta no universo. O Criador continua com o mesmo poder atuando na história e é este poder no qual a igreja fundamenta a esperança de um “novo céu e uma nova terra”.

4 Desafios para Igreja

¹¹¹ RICE, Richard. **Reign of God**: an introduction to christian theology from a seventh-day adventist perspective. 2. ed. Michigan: Andrews University Press, 1997, p. 78.

¹¹² Ibidem, p. 503. Neste trecho, o poder de Deus apresentado na criação é utilizado por Ele para trazer juízo aos povos ao redor de Israel enquanto a própria nação da Aliança.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ DEDEREN, Raoul (Ed.). Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia. Tradução de José Barbosa da Silva. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 504.

O conceito de mundo apresentado pelas Escrituras no relato da Criação é fundamental para uma compreensão correta das demais realidades apresentadas na Bíblia. Ao nos depararmos com a unidade e coesão do mundo criado, e com a literalidade do texto bíblico, percebemos que não cabe dentro da compreensão adventista a ideia dicotômica de mundo, a qual o divide em duas realidades: a realidade espiritual e a realidade material. O nosso mundo e os conceitos de “céus e terra” são uma realidade concreta, que estão dentro de uma unidade universal de mesma natureza.

Muitos de nós encaramos os assuntos religiosos como que separados de nossa vida diária, como se Deus não fizesse parte dos afazeres comuns do dia a dia. Para alguns, a religião é uma coisa e vida prática é outra, e estas não se misturam. Apesar de professarmos seguir o Deus da Bíblia, pouco nos esforçamos para pisar em suas pegadas. Hoje, o comportamento de muitos parece afirmar esta visão de mundo dicotômica, pois por vezes vivemos uma dualidade. Ao fazermos em nossa mente esta distinção, passamos a entender o mundo diferente do que nos é proposto na Bíblia. A Palavra de Deus nos apresenta uma realidade única na qual todos nossos assuntos são religiosos, tudo que fazemos afeta positivamente ou negativamente nosso relacionamento com Deus. A religião bíblica não se resume em um dia, mas em uma vida religiosa. Não há, portanto, possibilidade de se viver entre dois mundos. O desafio é vivermos como cristãos verdadeiros, cidadãos do reino eterno a despeito das circunstâncias, vivendo o poder da palavra de Deus em dar significado à nossa vida.

4 Considerações finais

Tendo por base o conteúdo visto até aqui, percebemos que o estudo do cosmos, sua origem e significado, é muito importante para qualquer pessoa, pois é através da sua visão de mundo que ela irá julgar suas práticas, seu estilo de vida. Começando pelos conceitos comuns utilizados na discussão do tema entendemos melhor como surgiu esta matéria de estudo e como foi tida com grande valia até mesmo por civilizações muito antigas, principalmente na região do Antigo Oriente Próximo e Médio. A descrição Bíblica da origem do cosmos se assemelha a alguns destes relatos, mas de fato ela é singular em seu conteúdo. Na perspectiva bíblica Deus cria por seu tremendo poder, de forma sobrenatural e além da capacidade humana de explicar, um mundo perfeito. Este

mundo, quando finalizado, é chamado de “muito bom” (Gn 1:31). É também, uma realidade concreta no universo. Deus e suas criaturas, não somente neste planeta, partilham da possibilidade de se relacionar no tempo e no espaço.

Figura 1

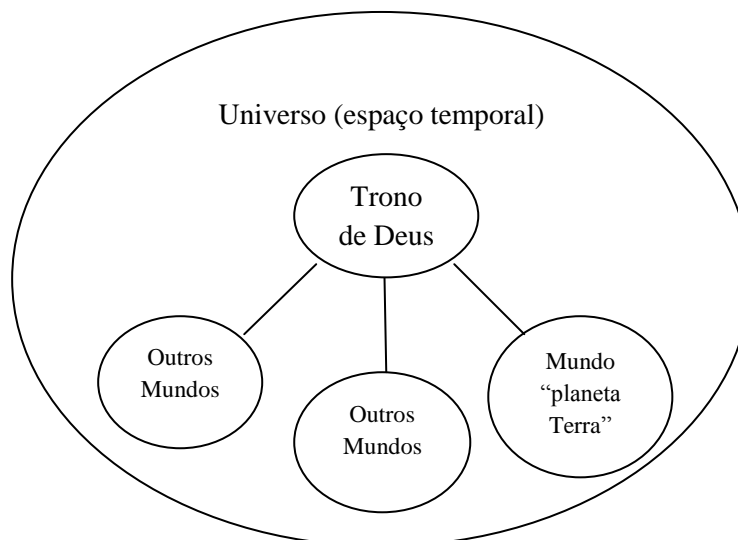


Figura 1: Deus e criaturas interagindo-se no tempo e espaço¹¹⁵.

O desejo de Deus de se relacionar com Suas criaturas foi o objetivo inicial do cosmos e é justamente este também seu objetivo final. O futuro é um retorno às condições do passado. Mediante uma reforma “novo céu e nova terra” serão, de novo idênticos como antes no princípio.

Esta concepção de mundo sofreu muitas alterações ao longo do tempo. Em nome das Escrituras muitos pensadores cristãos escreveram sobre a origem do cosmos, porém de maneira mais filosófica do que bíblica. Verificada com influência de pressuposições extra-bíblicas (principalmente da filosofia grega) a concepção do cosmos foi reformulada de acordo com o pensamento de alguns teólogos da Igreja Cristã que influenciaram a maneira como vemos o mundo. Na presente pesquisa, analisamos as concepções dualísticas de Agostinho. Vimos as implicações do método de Tomás de Aquino ao tentar explicar o tema à luz da união entre a filosofia e teologia Católica. Destacamos a ênfase de Lutero no retorno à Palavra de Deus. Apesar de sua iniciativa,

¹¹⁵ Deus e Suas criaturas experimentam o tempo e o espaço de maneira distintivamente peculiar às suas naturezas. Isto pode ser percebido em alguns textos bíblicos como: 2Pe 3: 8; Sl 90: 4, 9 e 10; Is 40: 22; Tg 4: 14; 2Cr 6: 18. Apesar de compartilharem do relacionamento no tempo e espaço, conforme lemos nos textos acima, fica claro que Deus não é limitado por estas dimensões, que são inerentes à realidade humana.

ele não conseguiu se desvencilhar de toda a herança da tradição. Repetiu as ideias anteriores relacionadas com a imortalidade da alma, que sugere implicitamente a concepção dualística de mundo. Sob esta mesma perspectiva Calvino pensava. Ele entendia que a transcendência de Deus é vivenciada por Ele em outra realidade, onde alma e os seres celestiais habitam.

Ellen White foi incluída pelo fato de seus escritos influenciarem a teologia adventista. Para ela Deus cria as coisas de forma sobrenatural e continua mantendo de forma sobrenatural. Tudo depende dEle, e é por Ele que o mundo não se desfaz. Por fim, também vimos como a Igreja Adventista do Sétimo Dia percebe a origem do mundo. Na tentativa de voltar para a visão bíblica, ela entende o processo criativo descrito no livro de Gênesis como literal. Os conceitos de “céus e terra” são percebidos como uma realidade concreta no universo. E a criação como um todo é vista na perspectiva do plano da salvação e, na consumação dele, como uma segurança de que a promessa de “um novo céu e uma nova terra” irá se cumprir.

Este estudo, longe de ser um compêndio sobre a cosmologia bíblica, é um ponto de partida para o exame deste tema. É também uma oportunidade para considerarmos o significado bíblico do mundo e nosso papel nele. Mais do que isso, precisamos nos situarmos no significado bíblico do mundo. Pois, como Buber afirma, é na origem do mundo onde encontro não só minha origem, mas meu objetivo¹¹⁶.

¹¹⁶ BUBER, Martin; ROSENZWEIG, Franz. *Scripture and Translation*. Indiana: Indiana University Press, 1994, p. 8

Bibliografia

ANDERSON, Bernhard W. et al. **Creation in the Old Testament**. 1. ed. Philadelphia: Fortress Press, 1984. v. 6 . 178 p., 22 cm. (Issues in religion and theology). ISBN 0-281-04100-8.

BOEHNER, Philotheus. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. 8. ed. Petrópolis: Vozes , 1970. 584 p., 23 cm. ISBN 85.326.0737-3.

BUBER, Martin; ROSENZWEIG, Franz. **Scripture and Translation**. Indiana: Indiana University Press, 1994. 292 p. ISBN 978-0253312723.

BROCKELMAN, Paul. **Cosmologia e criação**: a importância espiritual da cosmologia contemporânea. 1. ed. São Paulo, SP: Loyola, 1999. 203 p., 21 cm. ISBN 85-15-02370-9.

BUCKINGHAM et AL., **O livro da filosofia**. 1. ed. São Paulo: Globo , 2011. 352 p., il., 24 cm. ISBN 978-85-250-4986-5.

CANALE, Fernando. **A Criticism of Theological Reason**: Time and Timelessness as Primordial Presuppositions. Berrien Springs: Andrews University Press, 1987. 468 p., 23 cm. (Andrews University Seminary Doctoral Dissertation, X). ISBN 0-943872-43-X.

_____. **Basic elements of christian theology**: scripture replacing tradition. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2005. 260 p., 24 cm. ISBN 978-1490365268.

CANALE, Fernando L. **Sola Scriptura y la Hermenéutica**: ¿Son la teología evangélica y la adventista compatibles? Davarlogos, Argentina, v. X, n. 1, 2011.

COHN, Norman. **Cosmos, caos e o mundo que virá**: as origens das crenças no apocalipse. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996. 347 p., 21 cm. ISBN 85-7164-593-0.

DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tradução de José Barbosa da Silva. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. XXVIII; 1132, 25 cm. ISBN 978-85-345-1289-3.

DELITZSCH, F. **Commentary on the Old Testament: Job**. 1. ed. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1976. VI; 462, 22 cm. (Commentary on the Old Testament, 4).

DOUKHAN, Jacques B. **Hebrew for theologians: a textbook for the study of biblical Hebrew in Relation to Hebrew thinking**. 1. ed. New York: University Press of America, 1993. XXXII, 245, 23 cm. ISBN 0-8191-9269-4.

_____. **The Genesis creation story: its literary structure**. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 1978. X, 303, 23cm. (Andrews University Seminary Doctoral Dissertation, 5). ISBN 0-943872-37-5.

GEISLER, Norman L.; WATKINS, William D. **Worlds apart: a hand book on world views**. 2. ed. Michigan: Baker Book House, 1984. v. 1 . 307 p., 22 cm. ISBN 0-8010-3829-4.

GONZÁLEZ, Justo L. **Christian thought revisited: three types of theology**. 1. ed. Nashville, EUA: Abingdon, 1989. 185 p., 23cm. ISBN 0687076293.

_____. **Uma história do pensamento cristão**. vol 2. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004. 3 v., 21 cm. ISBN 85-7622-546-1.

_____. **Uma história do pensamento cristão**. vol. 3. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2004. 3 v., 21 cm. ISBN 85-7622-547-8.

GULLEY, Norman R. **Systematic theology: prolegomena**. 1. ed. Berrien Springs: Andrews University Press, 2003. 840, 24 cm. ISBN 1-883925-37-1.

HASTINGS, James. **The Great texts of the Bible: Mark**. 1. ed. Grand Rapids: Baker Book House, 1976. VII, 515, 22 cm. ISBN 0-8010-4157-0.

HOUSE, Paul R. **Teologia do antigo testamento**. São Paulo, SP: Vida Acadêmica, 2009. 759 p., 24 cm. ISBN 978-85-7367-849-9.

KERR, Hugh T. **A compend of Luther's theology**. 1. ed. United States: The Westminster, 1943. 253 p., 23 cm.

KIDNER, Derek. **Salmos 73-150: introdução e comentário.** Tradução de Gordon Chown. 1. ed. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2000. 286 - 496, 21 cm. (Cultura Bíblica, 14). ISBN 85-275-0013-2.

LADD, George Eldon; ARANHA, Lena; LUCAS, Douglas. **Teologia do novo testamento.** Tradução de Degmar Ribas; Juan Carlos Martinez. 1.ed. , rev. São Paulo, SP: Hagnos, 2003. 901 p., 24cm. ISBN 85-89320-17-0.

LANE, Tony. **The Lion book of christian thought.** 1. ed. United States: Lion ,1992. 256 p., 21 cm.

LARONDELLE, Hans K. **Deliverance in the psalms: messages of hope for today.** 1. ed. Berrien Springs: First Impressions, 1983. VII, 210, 23 cm.

LIENHARD, Marc. **Martim Lutero: tempo, vida, mensagem.** 1. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998. 409 p., il., 22cm. (Estudos Sobre Lutero, 8). ISBN 85-233-0468-1.

LOHSE, Bernhard. **Martin Luther an introduction to his life and work: an introduction to his life and work.** 1. ed. United States: Fortress Press, 1986. 288 p., 23 cm. ISBN 0800619641.

LOPES, Marisa K. A. de Siqueira; MOURA, Sérgio Siqueira; SILVA, Edvanio; FERREIRA, Franklin. **A Igreja Cristã na história: das origens aos dias atuais.** Fernando Mauro S. Pires; Revisão de Mauro Nogueira. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2013. 315 p., il., 26 cm. ISBN 978-85-275-0525-3.

LUCAS, Douglas; CARVALHO, B. J.; SIRE, James W. **O Universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão.** Tradução de José Fernando Cristófaló; Revisão de Regina Aranha. 4. ed. São Paulo, SP: Hagnos, 2009. 380 p., 21 cm. ISBN 978-85-7742-053-7.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas – v. 3: Debates e Controvérsias.** Tradução de Ilson Kaiser *et al.* 2. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, Canoas: Ulbra, 2007. 459 p. ISBN 85-233-0124-0.

_____ – v. 8: Interpretação Bíblica, Princípios.
Tradução de Adolpho Schimidt *et al.* 1. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. 580 p. ISBN 85-233-0696-X.

LUTHER, Martin. **Luther's commentary on Genesis: chapters 1-21.** 1. ed. United States: Zondervan Publishing House, 1958. v. 1 . 400 p.

MORRIS, Henry Madison. **Biblical cosmology and modern science.** 1. ed. New Jersey: Craig , 1970. 146 p., 20cm. ASIN: B0006CKCNC.

NEUFELD, Don F.; NEUFFER, Julia (Ed.). **The Seventh-day Adventist Bible students' source book.** 1. ed. Washington: Review and Herald , 1962. v. 9 . 1198 p., 24 cm. (Commentary reference, 9).

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas.** São Paulo, SP: Vida , 2001. 668 p., 23 cm. ISBN 85-7367-766-x.

RICE, Richard. **Reign of God: an introduction to christian theology from a seventh-day adventist perspective.** 2. ed. Michigan: Andrews University Press, 1997. 423 p., 24 cm. ISBN 1-883925-16-9.

SAGAN, Carl. **Cosmos.** 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves Editora, 1984. 364 p., il., Preto e branco e colorido, 26cm.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões.** 1. ed. São Paulo - SP: Paulus, 1997. 401 p., 19 cm. ISBN 978-85-349-0761-3.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Ontologia e cosmologia: a ciência do ser e a ciência do cosmos.** 1 ed. São Paulo, SP: Logos , 1954. 264 p., 24 cm. (Enciclopédia de Ciências Filosóficas e Sociais).

SARNA, Nahum M. **The JPS torah commentary Genesis: The Traditional Hebrew Text with the New JPS Translation.** 1. ed. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989. ISBN 978-0827603264

SILVA, Vanderlei Dorneles da; NICHOL, Francis D. **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia.** 1 ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. XXVIII ; 1236, 23 cm. (Logos). ISBN 978-85-345-1509-2.

SUSIN, Luiz Carlos; SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **Mysterium creationis: um olhar interdisciplinar sobre o universo.** 1. ed. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1999. 319 p., 21 cm. ISBN 85-356-0575-4.

SPROUL, R.C. **Filosofia para iniciantes.** 1. ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 2002. 208 p., il., 21 cm. ISBN 85-275-0286-0.

TEIXEIRA, Flávio C. **Teologia e Filosofia.** 1 ed. Engenheiro Coelho, SP: Academia Teológica, 2015. 284 p., 22 cm. ISBN 978-85-918486-1-4.

THE Seventh-day adventist bible commentary. 1. ed. Washington: Review and Herald , 1957. 1-7 . 488 p., 24 cm.

VON RAD, Gerhard; GIANELLI, Marcos; ARAÚJO, Reginaldo Gomes de. **Teologia do antigo testamento.** Tradução de Francisco Catão. 2 ed. , revisada. São Paulo, SP: Aste, 2006. 1 e 2 . 901 p., vol. 1 e 2, 24 cm. ISBN 85-99459-02-3.

WALKER, Williston et all. **História da igreja cristã.** 3. Ed. São Paulo, SP: Aste, 2006. 2 v., 24 cm. ISBN 85-87565-12-5.

WENDEL, François. **Calvin: origins and development of his religious thought.** 1. ed. Carolina do Norte: [s.n.], 1987. 383 p., 23 cm. ISBN 0-939464-44-6.

WHITE, Ellen G. **Mensagens escolhidas.** Tradução de Luiz Waldvogel, Isolina A. Waldvogel. 2. ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 2 . 526 p., 21 cm.

_____. **O Desejado de todas as nações.** Tradução de Isolina A. Waldvogel. 22. ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007. 866 p., il., preto e branco, 21 cm. ISBN 8534503516.

_____; LIEDKE, Abigail R. (Ed.); CARVALHO, Juarez. **Patriarcas e profetas: o conflito entre o bem e o mal, ilustrado na vida de homens santos da antiguidade.** Tradução de Flávio L. Monteiro. 16. ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009. 792 p., 22 cm. ISBN 9788534510646.

_____. **Testemunhos para a igreja - vol. 8.** Tradução de Hélio L. Grellmann. 1. ed. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006. 350 p., 21cm. ISBN 85-345-0969-7.